

FATORES SOCIOECONÔMICO, CONHECIMENTO E COMPORTAMENTO DE ADOLESCENTES SOBRE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS COM REPERCUSSÃO NA CAVIDADE ORAL

Dhavyd Da Costa Viana¹
Gabriela Silva Cruz²
Ana Caroline Rocha De Melo Leite³

RESUMO

As IST's, são consideradas como importante problema de saúde pública mundial, com possível repercussão na cavidade oral. Assim, o estudo objetivou conhecer o perfil socioeconômico, comportamento sexual e conhecimento sobre IST e sua relação com a boca. Trata-se de um estudo descritivo e quantitativo, conduzido com estudantes do ensino médio. Dos 102 participantes, cuja média de idade foi de 17 anos, 52% eram do sexo feminino. Observou-se uma relação significativa entre ser do sexo masculino e desconhecer que doenças bucais podem ser promovidas pelo HIV. Conclui-se que os estudantes o conhecimento foi inadequado quando avaliadas as formas de prevenção e a identificação das principais IST's capazes de alterar a cavidade oral.

Palavras-chave: Adolescentes Boca Estudantes Doenças Sexualmente Transmissíveis .

Escola de Saúde Pública do Ceará, Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva, Discente, dhavydviana96@gmail.com¹
Universidade Federal do Ceará, Pós Graduação em Ciências Farmacêuticas, Discente, gabrielacruz.gc7@gmail.com²
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto Ciências da Saúde , Docente, acarolmelo@unilab.edu.br³



INTRODUÇÃO

Consideradas como um importante problema de saúde pública mundial, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são doenças causadas por muitos tipos de vírus, bactérias e parasitas (MWATELAH et al., 2019), transmitidos principalmente pelo contato sexual desprotegido (oral, anal ou vaginal) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018) com indivíduo infectado. Sua disseminação também pode ocorrer via instrumentos perfurocortantes contaminados (ARAÚJO; SILVA; RODRIGUES, 2019) ou de forma vertical (da mãe para o feto ou recém-nascido, por meio do parto ou amamentação). De elevada incidência e fácil propagação, elas, por serem geralmente assintomáticas ou levemente sintomáticas, podem ser subdiagnosticadas ou não diagnosticadas por profissionais de saúde e pacientes (TSEVAT et al., 2017).

No contexto da cavidade oral, embora as IST sejam, em geral, assintomáticas, elas podem-se apresentar como lesões capazes de afetar a funcionalidade dessa área anatômica (QUEIRÓS; COSTA, 2019). Essas infecções podem ser desencadeadas pela prática do sexo oral desprotegido associada à perda da integridade da mucosa e/ou presença de micro lesões (ANTUNEZ; MATHIAS, 2019). Elas podem ocasionar manifestações orais primárias ou secundárias, capazes de provocar complicações sistêmicas, alterações psicológicas e sociais. Segundo a literatura, essas infecções são oriundas da atuação de vírus, bactérias e fungos, sendo representadas, dentre outras, pela sífilis, gonorreia, herpes, Papiloma Vírus Humano (HPV), HIV, clamídia, tricomoníase e candidíase (CHAN et al., 2016; WLAKER et al., 2016; QUEIRÓS; COSTA, 2019).

Quanto aos seus fatores de risco, esses compreendem desde os aspectos socioeconômicos, demográficos e biológicos ao número de parceiros sexuais, uso de preservativos, histórico de IST e inclusão em grupos de risco (WNAD et al., 2018). Particularmente, fatores biológicos, comportamentais e sociais estão entre as razões que elevam o risco dessas infecções em adolescentes (SHANNON et al., 2019).

Em termos comportamentais, na adolescência, o indivíduo está mais susceptível a comportamentos sexuais de risco, como o início da vida sexual, maior número de parceiros e relação sexual desprotegida (ECKSTRAND et al., 2017). No contexto biológico, a adolescente é mais vulnerável às infecções sexualmente transmissíveis do que a mulher adulta (SHANNON et al., 2019). No âmbito social, a falta de moradia, uso de drogas ilícitas, não acesso a serviços de saúde sexual, histórico de detenção/prisão e não submissão a testes de diagnóstico para IST por receio de confidencialidade contribuem para o maior risco de contrair IST por adolescentes (LEICHLITER; COPEN; DITTUS, 2017; SHANNON et al., 2019).

Particularmente, a adolescência, por ser um período de alterações biológicas, sociais e psicológicas, associado a uma maturação sexual, desenvolvimento da capacidade reprodutiva e vulnerabilidade a IST (QUEIROZ et al., 2016), requer uma atuação interdisciplinar e multidisciplinar, envolvendo família, escola, comunidade e profissionais da saúde.

Diante o exposto, o estudo objetivou conhecer o perfil socioeconômico, o comportamento sexual e o conhecimento sobre IST e sua relação com a cavidade oral de adolescentes de um município cearense.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo, analítico e de abordagem quantitativa, realizado em maio de 2019. A pesquisa foi conduzida com estudantes de uma escola pública de ensino médio localizada na cidade de Aracoiaba - CE. Foram convidados a participar do estudo adolescentes de 14 a 19 anos, cursando o ensino médio da referida escola. Os estudantes estavam distribuídos em cinco turmas, representadas por uma do 1º ano, duas do 2º ano e duas do 3º ano. Foram excluídos da pesquisa estudantes com idade igual ou superior a 20 anos, faixa etária considerada acima da preconizada como adolescência pelo Ministério da Saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018), e os que não estavam presentes em sala de aula no momento da aplicação



do questionário. Inicialmente, o projeto foi apresentado aos estudantes em sala de aula e, tendo sido aceita a participação, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi aplicado e assinado. Para os menores de 18 anos, o TCLE foi assinado pelos pais ou responsável, após o que o Termo de Assentimento foi lido e assinado pelo estudante. Posteriormente, os estudantes preencheram um questionário, contendo perguntas relacionadas aos seguintes pontos: - fatores socioeconômicos e demográficos (idade, sexo, naturalidade, estado civil, escolaridade, ocupação e renda familiar); - aspectos relacionados à atividade sexual (participação em atividade sobre educação sexual, início da vida sexual, quantidade de parceiros, modalidade de sexo praticada, uso de preservativos e utilização de métodos contraceptivos); - aspectos relacionados às IST (conhecimento, formas preventivas, transmissão de IST pela modalidade de sexo praticada, acometimento por IST e tratamento); - aspectos relacionados às IST e cavidade oral (conhecimento sobre a repercussão das IST na cavidade oral, orientação profissional sobre a relação entre IST e cavidade oral, formas preventivas dessa repercussão, IST capazes de provocar alterações na cavidade oral - herpes simples, HPV, HIV, sífilis e gonorréia - e conhecimento sobre as lesões bucais decorrentes da presença de IST na cavidade oral). O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), sob o CAAE 26146213.6.0000.5576 e parecer nº 2.322.721.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 102 participantes, cuja média de idade foi de 17,2 ($\pm$ 1,47) anos, 52,9% (n = 54) eram do sexo feminino, 55,8% (n = 57) eram naturais de Aracoiaba e 68,6% (n = 70) não tinham companheiro. Quanto à escolaridade, 44,1% (n = 45) dos estudantes cursavam o 2º ano do ensino médio e, sobre a sua ocupação, 89,2% (n = 91) não exerciam qualquer atividade profissional. Com relação à renda familiar, 75,5% (n = 77) dos participantes tinham renda de até um salário mínimo.

Acerca da sexualidade, 86,3% (n = 88) dos estudantes haviam participado de atividade sobre educação sexual e 60,8% (n = 62) haviam iniciado sua vida sexual. Desses, cuja média de idade foi de 15,1 ($\pm$ 1,56) anos, 62,9% (n = 39) relataram não ter tido mais de um parceiro. Sobre a modalidade de sexo praticada, 33,8% (n = 21) dos estudantes relataram praticar o sexo oral, vaginal e anal. Especificamente, para a prática do sexo oral, 77,4% (n = 48) dos participantes mencionaram fazê-la.

Com relação ao uso de preservativos, dos que faziam todas as modalidades de sexo, 64,5% (n = 40) afirmaram não os utilizar. No tocante à utilização de métodos contraceptivos, 85,4% (n = 53) dos participantes faziam uso, especialmente da camisinha masculina (45,1% - n = 28).

No que se refere ao conhecimento sobre as IST, 89,2% (n = 91) dos participantes afirmaram saber a que elas se referem e 70,5% (n = 72) as conheciam, citando especialmente a AIDS (52,9%; n = 54). Quanto às formas de prevenção, 78,4% (n = 80) dos estudantes apontaram sabiam como evitá-las, apontando principalmente o uso da camisinha masculina (68,2%; n = 70). Dos participantes que haviam iniciado a vida sexual, 83,8% (n = 52) relataram que a modalidade de sexo que praticavam não poderia transmitir IST. Dos participantes, 97,0% (n = 99) relataram nunca terem sido acometidos por IST.

Sobre o conhecimento das IST que podem acometer a cavidade oral, 77,4% (n = 79) dos estudantes tinham ciência desse acometimento por terem recebido orientação profissional, especialmente conduzida pelo



médico e dentista (54,9% - n = 56). Com relação às formas preventivas das IST na cavidade bucal, 82,3% (n = 84) dos participantes desconheciam-nas. Dos participantes, 52,9% (n = 54), 79,4% (n = 81), 80,3% (n = 82), 74,5% (n = 76) e 82,3% (n = 84) acreditavam que herpes simples, HPV, HIV, sífilis e gonorreia não podiam provocar alterações na cavidade oral, respectivamente. Ainda, 52,9% (n = 54) dos estudantes sabiam quais lesões bucais poderiam indicar a presença de IST na cavidade oral, indicando especialmente o herpes (22,5%; n = 23).

A tabela 1 apresenta a associação entre os fatores socioeconômicos, participação em atividades sobre saúde sexual e práticas sexuais dos estudantes. Pode-se observar uma associação significativa entre ser do sexo feminino e não ter tido mais de um parceiro sexual (p = 0,012) e não praticar sexo oral (p = 0,031). Verificou-se ainda uma relação significativa entre ter companheiro (a) e ter iniciado a vida sexual (p = 0,000), bem como não ter companheiro (a) e não praticar sexo oral (p = 0,011).



Quando avaliados os determinantes sociais da saúde dos participantes, o perfil apresentado por eles, caracterizado por uma considerável proporção proveniente de uma região com baixas condições socioeconômicas (INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ - IPECE, 2016; IPECE, 2013) e pais de baixa escolaridade (dados não abordados no estudo), permite sugerir que se trata de um grupo de adolescentes, cuja inserção social favorece o risco de contaminação por IST (SOUZA, 2018).

Essa vulnerabilidade é mais perceptível quando se observa que a maioria dos estudantes tinham renda familiar inferior a 1 salário mínimo e não exerciam qualquer atividade profissional que a complementasse. Essa realidade corrobora com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2015), os quais apontaram um rendimento nominal domiciliar per capita médio do brasileiro, no ano de 2014, de R\$ 1.052,00 (valor correspondente a 1,4 salários mínimos em 2014).

Sobre a maior participação do sexo feminino no estudo, esse dado pode resultar da maior preocupação, interesse e senso de cuidado da mulher em relação à saúde (LAZZARINI et al., 2018), quando comparado ao homem.

Para o elevado quantitativo de estudantes que tinham participado de atividades sobre educação sexual, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e o Projeto Saúde na Escola (BRASIL, 2011) propiciam o desenvolvimento da educação em sexualidade no ambiente escolar, além de ser esse um local apropriado para a promoção da saúde (BRASIL, 2010).

No que se refere à iniciação da vida sexual, o elevado quantitativo de participantes que já tinham iniciado essa prática corroborou com os dados da PENSE 10 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2015). Segundo a pesquisa, mais de 80% dos adolescentes escolares já tinham tido a sua 1ª relação sexual. Esse significativo número pode ser uma reprodução da busca do adolescente em explorar o novo corpo, em processo de maturação fisiológica, o que pode culminar no início da vida sexual (AMARILES, 2015). Essa iniciação pode ser estimulada quando o adolescente possui companheiro, hipótese que corrobora com a associação aqui observada, entre ter companheiro e ter instituído a prática sexual.

Quanto à idade da primeira relação sexual, embora a literatura mencione não se ter uma idade mínima aceitável para o início da vida sexual (MORAES et al., 2019), considera-se a faixa etária dos 12 aos 15 anos como um momento precoce. Com base nessa informação, a média de idade da primeira relação sexual observada entre os participantes dessa pesquisa pode ser tida como prematura, assemelhando-se à média nacional (GONÇALVES et al., 2015).

Quando questionadas as modalidades de sexo praticadas pelos estudantes, foi inesperado o maior número de adolescentes que praticavam os três tipos de sexo, assim como os que faziam sexo oral. Esses achados podem



ser uma expressão das características da própria adolescência, fase em que ocorrem as descobertas, desejo de experimentar e de viver intensamente e atração e afirmação da identidade sexual (AMARAL et al., 2017). Especificamente, o sexo oral corresponde ao contato direto da boca, lábios e língua com os órgãos genitais. Quem o pratica sem preservativo entra em contato direto com o sêmen e secreções vaginais, que, na ausência de integridade da mucosa oral, elevam o risco de contaminação por microrganismos responsáveis por IST. Assim, recomenda-se, independente da forma praticada, que o sexo deve ser feito sempre com proteção (camisinha) ou com proteção para mucosas (ANTUNEZ; MATHIAS, 2013).

Para a associação entre em ser do sexo feminino, não ter tido mais de um parceiro e não praticar o sexo oral, esse achado pode ser explicado com base nos meios rígidos de controle da sexualidade feminina que a sociedade impõe. Realmente, diferentemente dos homens, os quais exercem a sua sexualidade com prazer, as mulheres reprimem o prazer carnal, priorizando o prazer espiritual, como, por exemplo, ser mãe. (REIS; SANTOS, 2011).

Diante desses riscos, quando avaliado o uso de preservativos, o significativo número de adolescentes que não tinham esse hábito, achado que se assemelhou a Santos et al. (2018), é preocupante, já que, dentre outros motivos, os preservativos devem ser utilizados para evitar a contaminação por agentes sexualmente transmissíveis (TEIXEIRA et al., 2018) e gravidez indesejada (BRÊTAS et al., 2009). A deficiência dessa prática pelos participantes pode estar vinculada a sua reduzida idade, o que condiz com a literatura. Conforme essa, a possibilidade de utilização de preservativos é menor quanto menor é a idade do indivíduo (TAQUETE, 2013).

CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos, pode-se concluir que os estudantes de uma escola pública de ensino médio de Aracoiaba, apesar de uma condição econômica desfavorável, início precoce da prática sexual e prevenção inadequada das IST, eram cientes quanto ao seu papel na contracepção e conheciam aspectos importantes relacionados às IST, incluindo o acometimento pela cavidade oral. Entretanto, esse conhecimento foi inadequado quando avaliadas as formas de prevenção e a identificação das principais IST capazes de alterar a cavidade bucal. Ainda, as associações revelaram um comportamento adequado do sexo feminino quanto ao número de parceiros sexuais e prática do sexo oral, assim como dos que não tinham companheiro em relação à atividade do sexo oral. Contudo, a reduzida condição econômica e o sexo masculino se associaram a um conhecimento inadequado sobre as formas preventivas e as doenças bucais promovidas por IST. O desconhecimento dessas formas preventivas e dessas patologias orais se relacionou ainda a uma percepção inapropriada de transmissibilidade de IST pelas modalidades de sexo praticadas. Assim, a enfermagem tem uma importante função no papel de intervenções educativas, que possam proporcionar aos mesmos uma maior compreensão sobre o assunto, e com isso facultar-lhes o ensino de adoção de hábitos de vida mais saudáveis.

AGRADECIMENTOS



REFERÊNCIAS

AMORAS, Bruna Corrêa; CAMPOS, Atos Rodrigues; BESERRA, Eveline Pinheiro. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 8, n. 1, p. 163-171, 2015.

ANTUNEZ, Mario Eliseo Maiztegui; MATHIAS, Célia Regina de Jesus Caetano. Saúde oral e doenças sexualmente transmissíveis. Adolescência e Saúde, v. 10, n. 1, p. 78-79, 2013.

BRASIL et al. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis. 2015.

CARVALHO, Alan de Brito. Principais manifestações das doenças sexualmente transmissíveis acometidas na cavidade oral. 2019.

CIRIACO, Natália Lopes Chaves et al. A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas. 2019.

DO AMARAL GUBERT, Fabiane et al. Perfil sociodemográfico e sexual de adolescentes escolares sexualmente ativas em Fortaleza-CE. Adolescencia e Saude, v. 13, n. 2, p. 41-50, 2016.

DOUBOVA, Svetlana V. et al. Effects of an Internet-based Educational Intervention to Prevent High-risk Sexual Behavior in Mexican Adolescents. Health education research, Reino Unido, v. 32, n. 6, p. 487-498, 2017.

FONTES, Miguel Barbosa et al. Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 22, p. 1343-1352, 2017

MARTINS, Telma Alves et al. Cenário Epidemiológico da Infecção pelo HIV e AIDS no Mundo. Rev Fisioter S Fun, v. 3, n. 1, p. 4-7, 2014.

